

DISCURSO DE ABERTURA

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Desejo começar por agradecer ao Senhor Presidente da Parque EXPO, Dr. Bracinha Vieira, a disponibilidade com que aceitou o nosso convite para participar neste 6º ENCONTRO GESVENTURE, bem como pela cedência desta sala protocolar e dos demais espaços do Pavilhão de Portugal, que serão utilizados durante o Evento.

Gostaria de dirigir, igualmente, um especial agradecimento ao Senhor Presidente da PME INVESTIMENTOS, Dr. João Vicente Ribeiro, por todo o apoio, interesse e confiança que tem vindo a atribuir à GESVENTURE, designadamente ao estar presente, pela segunda vez consecutiva, nas iniciativas por nós promovidas. Assim, paralelamente aos trabalhos que irão decorrer nesta sala, a PME INVESTIMENTOS irá efectuar ao longo deste dia, numa das salas deste Pavilhão, uma sessão privada de apresentação de projectos já previamente seleccionados pela GESVENTURE. Esperamos, desta forma, chegar ao final deste dia com resultados proveitosos para todos quantos nos estejam a acompanhar.

Na sua pessoa, quero agradecer, também, ao Sr. Professor Eduardo Catroga por ter aceite intervir activamente nos trabalhos deste Encontro.

Cumprimento e agradeço também a presença de todos os oradores convidados cuja participação desejamos activa, para que esta iniciativa seja, de facto, o que pretende ser: **um momento de debate sobre os desafios que presentemente se colocam à Indústria do Capital de Risco em Portugal.**

Gostaria também de expressar uma palavra muito especial de apreço aos empreendedores presentes, designadamente aqueles que irão participar, através da apresentação dos seus projectos, nas sessões de elevator pitch que irão decorrer ao longo do dia.

Finalmente, um especial agradecimento aos nossos patrocinadores, designadamente à PME Investimentos, Air Luxor e Chip 7, que em muito contribuíram para que este evento se tornasse realidade.

Ao longo deste dia iremos abordar assuntos de elevado interesse, como seja a problemática relacionada com o parco investimento que continua a verificar-se ao nível dos estágios iniciais das empresas. É certo que há já mais de um ano foi lançado um conjunto de medidas governamentais visivelmente favoráveis ao fomento do investimento nas PME'S portuguesas, como foi disso exemplo o Fundo Sindicação de Capital de Risco PME IAPMEI e o Programa NEST, e bem assim, foi criado um enquadramento jurídico e fiscal atractivo para o sector. **Mas também já dizia o poeta que estavam já inventadas todas as palavras que eram**

precisas para salvar Portugal; só faltava “apenas” salvar Portugal!

É preciso de facto criar um conjunto de pressupostos vitais que permitam a breve trecho que o **investimento “seed” e “start-up”** passem a ser uma realidade também em Portugal, para bem da Economia portuguesa.

A par disso, far-se-á uma **Análise Prospectiva da Economia Portuguesa**, a qual revestirá seguramente uma elevada importância em face do tema central deste debate que nos traz hoje aqui.

Serão, igualmente, abordadas as oportunidades futuras que se deparam no domínio das **Novas Tecnologias**, fazendo-se referência, neste contexto, ao caso particular do Cluster Tecnológico de Ponte de Lima.

Serão, igualmente, abordadas interessantes oportunidades de negócio que se começam agora a delinear em mercados emergentes como a China, que se encontra a atravessar um processo de modernização acelerada com elevadas taxas de crescimento. Poderá a China ser uma oportunidade para investidores e empreendedores portugueses? E se essa oportunidade for construída tendo por base uma articulação com a vertente atlântica global e com o Oriente, criando parcerias que conduzam a significativas vantagens numa óptica de triangulação entre Portugal, Brasil e China? Eis um tema que merecerá certamente especial reflexão por parte de todos nós.

Um outro importante tema a abordar prende-se com a necessidade de existir uma cada vez maior **transparência e informação** na Indústria de Capital Risco. É preciso ver que em Portugal, como no resto do mundo, o cenário mudou. Melhor dizendo está em

mudança, em mudança profunda e irreversível: desde logo, existe uma exigência social de informação, sendo certo que no caso específico deste sector, tem-se vindo a colocar sobre a mesa o debate sobre o grau de transparência que as SCR devem possuir (e que durante muito anos sempre esteve circunscrito aos próprios gestores e aos seus accionistas), não só no que diz respeito aos seus clientes mas fundamentalmente ao nível dos empreendedores, business angels, imprensa especializada, Universitários e Organismos Públicos.

Caros conferencistas,

Estas palavras pretenderam apenas realçar alguns aspectos que nos parecem relevantes no vasto leque de questões que se levantam ao pensarmos o sector de Capital de Risco em Portugal. É tempo de começar a pensar nesta forma de financiamento como um poderoso instrumento do desenvolvimento, num futuro imediato, das nossas start-ups. Um instrumento que não se compadece com o ritmo actualmente existente no sector de capital de risco português. É preciso chegar mais longe! Tomemos como meta aquilo que de melhor se faz nas economias mais evoluídas. No entanto, minhas senhoras e meus senhores, só chegaremos lá quando formos capazes de interiorizar e pôr em prática uma verdadeira cultura de empreendimento e de risco. E esta, não fazendo parte do nosso passado comum, tem necessariamente que começar a fazer parte activa do nosso presente, para bem do futuro dos nossos empreendedores, das nossas empresas e da nossa Economia.

DESEJO A TODOS UMA BOA REFLEXÃO E UM BOM DEBATE!

MUITO OBRIGADO.